

## O drama de Solness e o modo-de-ser extravagante na obra de Binswanger

### *The drama of Solness and the eccentric way-of-being in the work of Binswanger*

Marcelo Gonçalves<sup>1</sup>

Guilherme Messas<sup>2</sup>

#### **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo analisar o modo-de-ser malgrado da existência, denominado extravagante, por Binswanger. Essa compreensão se dá a partir de sua *Daseinsanalyse*, fortemente influenciada pela analítica existencial de Martin Heidegger. Para isso, utilizamos a poesia dramática *Solness, o construtor*, de Henrik Ibsen, citada por Binswanger como exemplo de extravagância. No entanto, o autor não avançou na apresentação dos motivos pelos quais a obra assume esse valor. Pretendemos ampliar essa análise, demonstrando as relações entre a obra e o modo-de-ser malgrado da existência extravagante, por meio de reflexões que permitem compreender que a *Daseinsanalyse* possibilita recolocar os sintomas psicopatológicos em seu fundamento originário, que é a própria existência. Neste sentido, a extravagância, antes de ser uma ideia, comportamento ou pensamento, tem sua raiz na desproporção de estruturas fundamentais existenciais apriorísticas, que possibilitam ao *Dasein* mostrar-se como ser-no-mundo.

**Palavras-chave:** *Daseinsanalyse*; Binswanger; Extravagância, Ibsen

#### **Abstract**

This study aims to analyze the eccentric way-of-being of the existence, as understood by Binswanger's *Daseinsanalyse*. This comprehension is strongly influenced by the existential analytics of Martin Heidegger. We use the play *The Master Builder*, of Henrik Ibsen, which was mentioned by Binswanger as an example of eccentricity. However, the author did not develop the reasons for the importance of the work. We intended to enlarge the analysis of the drama, and show its relations to the eccentric existence.

Our reflections led us to understand that the *Daseinsanalyse* enables relocating psychopathological symptoms to its original foundation, which is the existence itself. In this sense, the eccentricity, before being an idea, behavior, or thought, has its roots in

the disproportion of the a priori fundamental existential structures which allow the revelation of the *Dasein* as being-in-the-world.

**Keywords:** *Daseinsanalyse*; Binswanger; Eccentricity; Ibsen

---

<sup>1</sup> Psicólogo Clínico, São Paulo (SP), Brasil. E-mail: psicologomarcelo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – FCMSCSP – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: guilherme.messas@fcmsantacasasp.edu.br

Recebido em: 9/6/2015

Aceito em: 21/10/2015

## Introdução

Este trabalho visa compreender a forma existencial conhecida como extravagância, apresentada pelo psiquiatra Ludwig Binswanger, pela primeira vez, em 1949, sob o título *Do sentido antropológico da extravagância* e, posteriormente, incluída na obra *Três formas da existência malograda*, publicada, originariamente, em 1956 (1977).

Nessa obra, Binswanger tem interesse pela descrição clínico-psiquiátrica de casos particulares de esquizofrenia, com intuito de compreender, por meio da *Daseinsanalyse*, as transformações dos modos da existência humana, em geral. Em sua investigação, Binswanger apresenta três formas existenciais decorrentes dessas transformações: extravagância, excentricidade e maneirismo.

O ponto balizador para a presente análise é a compreensão analítica existencial, formulada pelo filósofo Martin Heidegger e que Binswanger utiliza para iluminar essas transformações dos modos da existência. O resultado é a possibilidade de lançar luz sobre o fenômeno da esquizofrenia, para além da psiquiatria clássica, que se pauta na investigação criteriológica dos sintomas dos chamados transtornos mentais (Kraus, 1994).

Não é objetivo deste trabalho analisar o modelo criteriológico da psiquiatria tradicional, mas vale destacar que o próprio Binswanger sinaliza que, mesmo a conceituação da psiquiatria tradicional de base biológica, tem sua conexão com uma estrutura fundamental da existência, que a precede. Essa estrutura é chamada por ele de ontológica.

A análise de Binswanger (1956/1977, p. 9) chama a atenção para o seu propósito de:

[...] retirar a psicopatia esquizoide e a esquizofrenia do quadro estreito do juízo de valor biológico – como deve ser considerado o juízo médico – e do estado-de-coisas médico-psiquiátrico da doença e da morbidez, a fim de transportá-la para o quadro mais amplo da estrutura existencial ou do ser-no-mundo, cujo *a priori* foi trazido à luz por Heidegger em sua analítica existencial.

Para melhor compreender o modo-de-ser malogrado da existência chamado de extravagância, foi utilizada, neste trabalho, a poesia dramática *Solness, o Construtor*, escrita pelo norueguês Henrik Ibsen em 1892 e referida por Binswanger na obra *Três formas da existência malograda*, mais precisamente no prefácio e no primeiro capítulo,

dedicado à Extravagância, afirmando que o “exemplo clássico da poesia dramática é o construtor Solness, de Ibsen, que constrói mais alto do que consegue subir” (Binswanger 1956/1977, p. 16)

O drama de Ibsen narra a história de um construtor chamado Solness, que carrega consigo a ideia de que somente ele deveria realizar as construções na cidade. Após receber a visita de uma moça chamada Hilda, cortejada por ele no passado, passa a desejar construir a torre mais alta, apesar de ter vertigem por altura.

O modo-de-ser da extravagância, tema desse trabalho, é descrito por Binswanger (1956/1977, pp. 11 e 12) como sendo “a desproporção entre a *amplidão da existência* e a *elevação da problemática* da existência humana, ou, para falar de Ibsen, a desproporção entre a elevação da capacidade de *construir* e a da própria capacidade de *subir*”.

A escolha por essa poesia dramática se fez em razão da possibilidade de identificação de pontos de correspondência entre a narrativa literária do personagem Solness, que revela uma estrutura fundamental da existência, caracterizada pela impossibilidade do ser-si-mesmo e um abdicar-se do trato da experiência do ser-com e o fundamento de Binswanger sobre o modo-de-ser da extravagância, que foi pouco explorado pelo autor. Neste sentido, haveria um caminho a ser percorrido – e é o caminho que este trabalho pretende percorrer – que ampliaria a compreensão do conceito de extravagância na obra de Binswanger.

A seguir, apresentaremos a aproximação que Binswanger faz da analítica existencial de Heidegger e como essa compreensão possibilita a identificação de estruturas fundamentais da existência, utilizadas para a nossa análise do modo-de-ser malgrado da extravagância no personagem Solness, do drama de Ibsen.

### **Psicopatologia na obra de Ludwig Binswanger: Solness e o modo-de-ser da extravagância**

A analítica existencial teve importante contribuição na maturação do pensamento de Binswanger, que encontra no pensamento de Heidegger a amplitude para a compreensão das alterações das formas da existência ditas psicopatológicas.

A perspectiva oferecida pela analítica existencial de Heidegger apresenta algumas diferenças em relação àquela que Binswanger recupera para compreender a psicopatologia a partir do *Dasein* (Töpfer, 2013), já que o filósofo não tinha a pretensão

de analisar, em *Ser e Tempo* (1927), o ser numa singularidade malograda e factual, específica como a psicopatologia, mas o sentido do ser em geral, que só é revelado ao homem enquanto presença no mundo.

A compreensão filosófica de Heidegger coloca a questão do sentido do ser numa perspectiva ontológica do *Dasein*, enquanto a análise existencial de Binswanger tem um sentido ôntico e se aproxima de uma compreensão antropológica do *Dasein*. No entanto, essa diferença não representa a anulação de um pelo outro. Pelo contrário, reflete o desdobramento da compreensão psicopatológica que mantém a unidade do fluxo vivido entre o transcendental e o empírico, na compreensão das alterações das formas da existência. Para Tatossian (2006, p. 28-9), essa:

[...] integração constante destas experiências, ou termos provisoriamente equivalentes, da experiência ontológica e da experiência ôntica, é necessária a este rigor que não saberia comportar uma ‘fenomenologia numa atitude natural’. Não se trata, pois, de uma aplicação da fenomenologia, mas da ‘sincronia entre desvendamento das estruturas da existência... e o movimento engajado pela fenomenologia’[...] Mas é a experiência psiquiátrica mesma que revela um ‘domínio intermediário’ entre o ontológico e o ôntico e obriga à ‘visão ôntico-ontológica’ (Heidegger) a uma experiência ao mesmo tempo empírica e transcendental.

Essa antropologia que Binswanger apresenta corresponde, do ponto de vista da *Daseinsanalyse*, ao delineamento de uma estrutura que balizaria o nosso modo de ser-no-mundo, ao mesmo tempo em que se configura nessa relação. Isso não significa que haveria um sujeito que antecede o seu contato com o mundo, ou que há uma causa primeira para as chamadas psicopatologias, mas que a estrutura a priori do *Dasein* configura sua *abertura* e *amplitude* singular como ser-no-mundo. Para Binswanger, “existem estruturas apriorísticas inabaláveis que definem o eu, a personalidade ou o si (ipse) que são modos singulares” (Freire 2008, p. 267) do ser-no-mundo.

Assim, a análise existencial não busca a causa do sintoma na psicopatologia, mas a compreensão, por meio dessa estrutura apriorística, das alterações das formas da existência que configuram esses modos singulares de ser-no-mundo. Segundo Barbosa (1998, p. 9), buscar a causa está, de antemão, fadado ao fracasso, assim como:

[...] qualquer tentativa de derivar a doença a partir da relação entre humores fundamentais e independentes, postulando-se, por exemplo, que um determinado sentimento possa desencadear um determinado comportamento ou sintoma. Mesmo que se identifique esse sentimento como surgido a partir de uma certa situação (situando-o, portanto, num contexto comportamental), o problema residirá em estabelecer essa relação termo a termo entre situação causadora e sintoma. Embora muitas vezes as coisas pareçam se dar dessa forma, pode estar por trás dessa aparência uma estrutura geral da modalidade

existencial do indivíduo que, não se dispusesse ela dessa forma, talvez aquela conexão causal não se estabelecesse.

Em sua obra *Três Formas da Existência Malograda*, Binswanger utiliza a análise existencial para compreender as alterações das formas da existência, conhecidas como *extravagância*, *excentricidade* e *amaneiramento*. Partindo da ontologia de Heidegger:

[...] Binswanger procura reconhecer a enfermidade como um estilo ou modo particular de ser no mundo, como variação ou ‘distorção’ da estrutura ontológica do ser no mundo. Compreender a enfermidade é identificar sua ‘essência antropológica’, isto é, as condições antropológicas de sua possibilidade (pois a modalidade existencial em que consiste a enfermidade, mesmo sendo uma distorção da estrutura fundamental do ser no mundo, só é possível a partir desta estrutura, já que é uma variação da mesma) (Barbosa, 1998, p. 9).

Sendo essas alterações das formas de existência uma variação dessa estrutura mesma, a *Daseinsanalyse* de Binswanger visa compreender essas distorções da estrutura ontológica que oferecem as condições de possibilidades das vivências do *Dasein* ao longo do desenvolvimento da existência. As condições de possibilidades não são uma vivência consciente, são, antes, uma zona de determinações e restrições dentro da qual as vivências podem surgir. Portanto, estão fora do campo experiencial, são o limite e o enquadre da existência consciente e correspondem às categorias fundamentais da existência. Estas são apriorísticas e contemplam as diretrizes da existência: temporalidade, espacialidade, corporeidade, interpessoalidade, identidade e ipseidade (experiência do eu e do si-mesmo).

A psicopatologia compreende as alterações das formas malogradas da existência como distorções e desproporções dessas diretrizes fundamentais, pois o “que caracteriza o ser sadio é o que pode impedir a autonomização ou a persistência temporal do comportamento desviante e não a ausência de sua potencialidade, nem mesmo de sua realização incidente” (Tatossian, 2006, p. 46).

É dessa maneira que Binswanger analisa o modo-de-ser malogrado da existência, chamado *extravagância*. Ele procura usar conceitos que ancoram a compreensão da *extravagância* na própria existência e não apenas definindo os sintomas apresentados. Segundo Binswanger (1956/1977, p.13-4, grifos do autor) não:

[...] somente como ser que projeta a amplidão e nela *caminha*, mas também como ser que projeta e *sobe* à altura, a existência humana está essencialmente envolvida pela possibilidade de ir longe e extraviar-se ao subir. Se indagarmos pelo sentido antropológico dessa possibilidade de ir longe demais e extraviar-se ao subir, numa palavra, ‘*extravagância*’, estaremos por isso

mesmo indagando pelas condições de possibilidade da *conversão* do subir no modo de ser da extravagância.

O termo “extravagância”, segundo a nota do tradutor brasileiro Guido Almeida, encontrada na página 13 da mencionada obra de Binswanger (1956/1977), pode ser traduzido da:

[...] palavra alemã *Verstiegenheit* apenas aproximativamente por *extravagância*. Para compreendê-la em seu pleno sentido é preciso ter em mente as conotações que conserva de sua derivação do verbo (*sich*) *versteigen*. *Sich versteigen* (que deriva por sua vez de *steigen* = subir) significa, em seu sentido próprio, extravar ou extraviar-se, ir longe demais e perder-se ao subir, como por exemplo o alpinista que, ao se atrever a escalar uma passagem difícil, vê-se perdido, ‘encalacrado’ numa posição sem saída e sem retorno possível, e da qual só pode ser salvo mediante a ajuda de terceiros. Em sentido figurado, *sich versteigen* significa exceder-se (com atrevimento), demasiar-se, exorbitar, ultrapassar os limites do razoável, ir longe demais e além do razoável em suas ideias, opiniões, comportamento, etc.

Binswanger limita-se ao sentido linguístico do prefixo alemão *ver-*, cujos significados denotam algo que se alterou, deteriorou e, até mesmo, converteu-se em seu contrário, para descrever o modo-de-ser da extravagância e se preocupa em analisar o modo-de-ser da extravagância sem perder de vista a estrutura *inteira* do ser-homem. Neste sentido, a extravagância derivaria de “uma determinada desproporção entre o subir à altura e o caminhar na amplidão adentro” (Binswanger, 1956/1977, p.14).

A compreensão dessa desproporção entre o subir à altura e o caminhar na amplidão adentro encontra sua fundamentação na condição do *Dasein* habitar (*Heimat*) o mundo e, simultaneamente, ser ultrapassagem na direção do ser-si-mesmo. Para Heidegger “habitar [...] é o traço fundamental da condição humana... [pois] o homem ‘é’ enquanto ele habita o mundo” (Heidegger *apud* Michelazzo, 1999 p.190).

Segundo Heidegger (2008, p. 256, grifos do autor) o *Dasein*:

[...] não se comporta apenas ocasionalmente, apenas vez por outra em relação ao mundo, mas a relação com o mundo pertence à essência do ser-aí como tal, ao existir como ser *qua* ser-aí; no fundo, ‘ser-aí’ não significa outra coisa senão ‘ser-no-mundo’; essa estrutura precisa ser atribuída ao ser-aí como constituição fundamental.

Estando o *Dasein* suspenso na própria existência enquanto possibilidades, Binswanger compreende a altura e a amplidão como diretrizes existenciais que refletem essa condição do homem como ente que *habita o mundo* sob a forma de *cuidado*.

O *cuidado* descreve o modo como a existência do homem habita (*Heimat*) o mundo, ligando, numa só unidade existencial, a sua *facticidade*, *existencialidade*

(projeção) e a *queda* (a-gente), como o modo de ser constitutivo do *Dasein* lançado no mundo e tendo que encarregar-se da própria existência.

A existência, apoiada na própria amplitude e altura, pode conservar o *Dasein* na sua condição de *cuidado*, em que se encarrega da própria existência e a abre para escutar o *apelo* do ser que lhe resgata da *mediania* do *a-gente*, convocando o *Dasein* para o ser-próprio. Neste sentido, o ser-homem, através do *chamado* do ser, pode projetar-se de forma autêntica como ser-si-mesmo no mundo e perante sua coexistência de ser-com-os-outros.

O *Dasein*, como ser-no-mundo, tem suas diretrizes existenciais, tais como a temporalidade, espacialidade, corporeidade, interpessoalidade e ipseidade, conservadas em sua fluidez e mobilidade nessa abertura com o mundo e com-os-outros. Já o modo-de-ser malgrado da existência é compreendido como a desproporção dessas diretrizes existenciais apriorísticas. Assim, segundo Tatossian, (2006, p. 46, grifos do autor) o:

[...] comportamento desviante *pode* ser anormal, mas na medida em que aquele que o apresenta *não pode* deixar de apresentá-lo. A *norma fenomenológica* se inscreve no equilíbrio dialético que caracteriza o ser sadio, e a psicopatologia é então uma ‘patologia da liberdade’ (Henri Ey), na condição de que a liberdade seja compreendida não ao bel-prazer e de forma arbitrária, mas como capacidade de deixar-ser (*sein-lassen*) as coisas e de se deixar-ir nelas, no equilíbrio das transcendências subjetiva e objetiva: o contra-exemplo evidente é o delirante que impõe sua ordem às coisas contra a natureza delas, mas submete também a sua.

O modo-de-ser da extravagância, enquanto distorção e desproporção dessa estrutura mesma, configura a existência malgrado do ser-homem, quando esse *deixar-ser* as coisas e o *deixar-ir* nelas forem abdicadas pelo modo do *Dasein habitar o mundo*. Assim, o *Dasein* impõe uma ordem própria, uma significação contrária à ordem das coisas e à natureza delas. Aqui, o *Dasein* não consegue “impedir a autonomização ou a persistência temporal do comportamento desviante” (Tatossian, 2006, p. 46). Neste sentido, a inautenticidade reflete o modo de ser do *Dasein* que extravagou e passa a estabelecer na relação ser-com-o-outro um:

[...] simples trato e comércio com ‘o outro’ e consigo mesmo [que] assumiram a condução exclusiva de nosso ser... [e] que a profundidade, a proximidade e a distância, o ter-sido e o estar-por-vir (*Gewesenheit und Zukünftigkei*t) alcançam uma significação tão decisiva que o subir pode chegar a um *fim* e a um *agora* que não admitem mais nem retrocesso nem avanço, vale dizer, onde o subir já se converteu em extravagância. Quer se trate de uma ‘ideia’ extravagante, de um ideal ou de um ‘sentimento’ extravagante, de um desejo ou plano extravagante, de uma afirmação, modo de ver ou atitude extravagante, de uma mera ‘mania’ ou de uma ação ou de um crime extravagante, aquilo que aqui designamos com a expressão

‘extravagante’ está condicionado pelo fato de o ser-aí ter se ‘atolado’ (*festgefahren*) numa *determinada* ‘ex-periência’ (*Er-fahrung*), pelo fato de não conseguir mais, para usar uma imagem de Hofmannsthal, ‘levantar tenda’, pelo fato de não conseguir, mais se ‘abalar’ (Binswanger, 1956/1977, p. 15, grifos do autor).

A interpretação que Binswanger faz do pensamento de Heidegger possibilita compreender a existência malograda através da *autenticidade* e *inautenticidade*. Segundo Töpfer (2013, p. 35, grifos do autor), a *autenticidade* é compreendida por Binswanger a partir:

[...] da ética aristotélica enquanto vida bem sucedida ou felicidade. A vida se movimenta entre as possibilidades do sucesso e do malogro. A partir dessa noção, Binswanger vê dominada ‘toda a analítica existencial do Dasein de Heidegger’.

No que se refere à *inautenticidade*, as:

[...] formas do Dasein malogrado, Binswanger descreve as formas do ser humano nas quais a psicopatologia vê doenças psíquicas. Também a daseinsanalyse as compreende privativamente: enquanto ‘modi deficientes’, nos quais momentos estruturais ‘falham’, de tal modo que ‘lacunas’ se abrem (Töpfer, 2013, p. 35)

A questão que se insere aqui é sobre o conceito de *inautenticidade*, que, para Heidegger, não corresponde a um sinal de desvio da medianidade. Pelo contrário, para Heidegger, a *inautenticidade* é a normalidade. Poderia o conceito de *inautenticidade* ser apropriado para a descrição do modo-de-ser malogrado do *Dasein*?

Para Binswanger, o modo-de-ser malogrado é inautêntico porque nele encontra o que caracterizaria a essência da inautenticidade, pois:

[...] reconhece ‘uma linha do *perder-se* existencial’ do autêntico eu-mesmo, plenamente responsável, passando pelo inautêntico, relativamente irresponsável, ‘gente-mesmo’ (Man-selbst) do Dasein cotidiano médio até ao ‘aparentemente (!) completamente ‘irresponsável’ e dependente ‘impessoal-mesmo’ (Es'-selbst) do Dasein doente psiquicamente (Töpfer, 2013, p. 37, grifos do autor).

Binswanger compreende o modo-de-ser da existência malograda como o *perder-se* existencial, o que corresponderia a um “deslocamento estrutural da proporção antropológica” (Binswanger, 1956/1977, p. 17) dessa estrutura mesma do *Dasein*, enquanto possibilidade de ser-si-mesmo. A “inautenticidade significa perda de si mesmo, alienação de si mesmo [...] O Dasein psiquicamente doente é o Dasein da alienação extrema de si mesmo” (Töpfer, 2013, p. 37).

O ser-homem, enquanto transcendência na direção de ser-si-mesmo como possibilidade do deixar-ser, pode, num ato de *meditação* (reflexão), voltar a si-mesmo a qualquer momento e tomar-se como ser-próprio autêntico, encarregando-se dessa responsabilidade existencial. Porém, Heidegger sinaliza que essa condição não é irrevogável e que na pluralidade dos modos-de-ser-no-mundo o *Dasein* pode esquivar-se e desencarregar-se em não-meditar sobre si-mesmo, revelando um interesse no decair, no perder-se. Esse é o ponto em que Binswanger afirma haver uma diferença em relação ao modo-de-ser malgrado da existência, pois o *Dasein* decaído na inautenticidade do *a-gente* (Das Man) que constituiu a medianidade do ser-com-os-outros e que tenta se abrigar na familiaridade e na impessoalidade pode, a qualquer momento, voltar a si-mesmo, enquanto o ser malgrado não. Segundo Töpfer (2013, p. 38) Binswanger reconhece:

[...] ‘*uma linha*’ do perder-se do autêntico eu-mesmo até o inautêntico ‘impessoal’-mesmo do *Dasein* psiquicamente doente, entende ele também a doença psíquica não como simples ocorrência, mas como movimento conduzido pelo interesse do *Dasein*: como ‘fuga’ para doença [...] Diante do perder-se normal, Binswanger vê o doente psíquico distinguido pelo fato de o voltar a si da alienação de si não estar mais em poder deste humano. Por isso, precisa ele de auxílio psiquiátrico ou psicoterapêutico.

É possível identificar o modo-de-ser malgrado da extravagância como sendo uma desproporção antropológica, daquilo que Binswanger chamou de amplidão e altura e que resultaria por alienar o *Dasein* da condição do seu poder voltar a si-mesmo para tomar-se na *decisão* do seu poder-ser si-próprio autêntico.

O *Dasein* que extravagou acaba por perder-se e isso representaria um subir às alturas que, como Binswanger nos apresenta, pode ser uma ideia, comportamento, sentimento, desejo ou mania, etc., extravagantes e que eleva o *Dasein* a um atolamento, sem condição de regressar por conta própria. Essa desproporção expressa sua absorção inteiramente no espaço e no tempo, perdendo sua fluidez e possibilidade de atualização do modo-de-ser autêntico perante suas experiências e sua existência. Para Binswanger (1956/1977, p. 15, grifo do autor) o *Dasein*:

[...] não consegue mais, agora, ampliar, rever ou examinar seu ‘horizonte de experiências’ e fica *parado* num ponto de vista ‘tacanho’, isto é, estreitamente limitado. Assim, o ser-aí ‘empacou’, é verdade, ou obstinou-se, mas ainda não extravagou. Pois, a condição de possibilidade da extravagância implica, além disso, que o ser-aí suba *mais alto* do que convém à sua amplidão, ao seu horizonte de experiências e de compreensão, ou por outras, que extensão e altura não se encontrem numa relação proporcional.

Na existência malograda da extravagância, o *Dasein* se lança na direção do subir numa tentativa de diferenciação do modo-de-ser individual e extravaga em relação ao que é razoável, no que diz respeito ao ser-com-os-outros. Essa desproporção na direção do subir e na tentativa de se afirmar no ser-si-mesmo é que resulta no perder-se e alienar-se.

Para Binswanger, a extravagância compreende-se pelo *Dasein* ter se exilado do seu modo fundamental de *habitar* (*Heimat*) o mundo, descarregando-se do *cuidado* que toma a existência sob a *decisão* de sua responsabilidade e que possibilita o caminhar na direção do ser-si-mesmo autêntico. Neste sentido, o *Dasein* encontra-se absorvido pela espacialidade restringida da horizontalidade e pela temporalidade que se afasta de seu futuro e passado biográficos em direção à amplitude da verticalidade do subir, acarretando sua estagnação no presente e impedindo-o de conseguir atualizar-se junto-ao-mundo.

Qual o elemento diferencial entre alguém que se revela com ideias extravagantes (ou com um modo de se vestir que concentra uma extravagância, ou um agir que carrega o modo-de-ser extravagante) e o modo-de-ser malogrado da extravagância? No primeiro caso, o *Dasein* ainda pode voltar a si mesmo e resgatar-se no *decidir* ser-si-próprio autêntico, enquanto na existência malograda da extravagância a alienação significa impossibilidade do agir de outro modo e a *fuga* do si-mesmo na direção da impessoalidade e inautenticidade do modo-de-ser-*doente*<sup>1</sup>, sem que seja possível regressar por conta própria.

Segundo Binswanger (1956/1977, p.17, grifos do autor) esse movimento horizontal e vertical da existência, aqui chamado de amplidão e altura, pode ser compreendido pela:

[...] ‘atração da amplidão’, na direção horizontal da significação, corresponde mais à ‘discursividade’, ao experimentar (*Er-fahren*), à travessia e tomada de posse do ‘mundo’, ao ‘alargamento do horizonte’, ao alargamento do discernimento, da visão de conjunto e da circunvisão organizadora dos meios (*Einsicht, Übersicht und Umsicht*) com relação ao ‘burburinho’ do ‘mundo’ exterior e interior. Já a atração da altura, o subir na direção vertical da significação, corresponde mais à aspiração de superar a ‘gravidade da terra’, de se *elevantar* acima da pressão e da ‘angústia das coisas terrenas’, mas ao mesmo tempo também ‘a aspiração de conquistar um ponto de vista ‘superior’, uma ‘visão superior das coisas’, como diz Ibsen, a partir da qual o

---

<sup>1</sup> Aqui a expressão *doente* visa conservar a compreensão da *Daseinsanalyse* utilizada por Binswanger, em que o *Dasein* é entendido como possibilidades de ser-no-mundo. A expressão *doente* reflete a condição da existência malograda em que o *Dasein* vai perdendo de si mesmo a sua possibilidade de vir-a-ser e passa a ter-que-ser no automatismo que a desproporção manifesta em sua estrutura existencial apriorística.

homem possa moldar, dominar, numa palavra, *apropriar-se* de tudo o que ‘experimentou’. Ora, esse *apropriar-se* do mundo no sentido de *vir-a-ser* e *realizar-se* a si mesmo é o que chamamos *decidir-se*.

Binswanger encontra na poesia dramática de Ibsen a figura simbólica, na literatura, da extravagância como existência malograda.

Na poesia dramática de Ibsen, Solness é um arquiteto bem sucedido, que se encontra acometido pela preocupação de vir a arruinar-se profissionalmente com o advir de uma nova geração de construtores, o que representaria a inovação e o avanço e, conseqüentemente, sua ruína. Em decorrência dessa preocupação, faz de tudo para que seu bom funcionário, Ragnar, não tome a iniciativa de trabalhar por conta, pois teme que este venha um dia tomar-lhe o lugar. Solness justifica essa ação, dizendo ser essa a sua natureza e que não pode agir de outro modo.

Em uma bela manhã, Solness recebe a visita de uma jovem chamada Hilda. Durante a conversa, Hilda lembra Solness do dia em que ele esteve na inauguração da igreja construída por ele, em Lysanger. Na ocasião, Solness havia subido no andaime até o topo da torre mais alta, para colocar um ramalhete de flores e Hilda, ao avistá-lo naquela altura, ficou deslumbrada. Hilda conta que, após a descida do andaime, eles se encontram para um jantar e que Solness teria lhe beijado e prometido voltar para buscá-la, dentro de dez anos. Hilda fica aguardando, durante esse tempo, a volta de Solness e vai ao seu encontro no exato dia em que se completam os dez anos. A intenção de Hilda é cobrar Solness por sua promessa e pede a ele que seja construído um reino e que, nesse reino, haja uma enorme torre que se erga livremente nos ares para que, de uma altura vertiginosa, gire um catavento.

Mestre Solness confessa a Hilda que a ideia de construir uma elevada torre é o que mais lhe seduz. Durante a conversa com Hilda, Solness relembra uma triste tragédia que ainda o atormenta. Conta que, há 12 anos, sua antiga casa, que pertencera a sua esposa Aline, pegou fogo e que ela nunca mais conseguiu se recuperar do pesar desse trágico ocorrido, que culminou na destruição do antigo lar de sua família. Mas o pior ainda estaria por vir. Após 15 dias do incêndio, Aline contraiu a febre do leite e os filhos gêmeos, recém-nascidos, acabaram falecendo, deixando Aline completamente arrasada e melancólica.

Para Solness, o fato de o incêndio ter consumido a antiga casa significou seu triunfo, pois a casa era muito velha e, com o incêndio, conseguiu ganhar muito dinheiro com a venda dos terrenos e com a construção de casas para os compradores

interessados. Solness interpreta a tragédia como sendo a própria sorte, mas o preço que precisou pagar foi a perda da própria felicidade e a impossibilidade de possuir um lar e uma família. Solness teme a mocidade, pois essa pode arrancar-lhe do seu propósito e o resultado seria sua queda dessa condição e posição social.

Solness carrega uma dúvida que o faz sentir-se culpado pelo ocorrido. Ele conta a Hilda que havia uma fenda na chaminé e que, todos os dias, verificava se essa fenda havia desaparecido, mas quando decidia consertá-la, sentia que uma força acabava por impedi-lo. Foi quando, numa noite gelada, o fogo teria começado atrás de um guarda-roupa e todos saíram em fuga, enquanto a casa era consumida. O sentimento de culpa que Solness guarda é por ter desejado, com todas as forças, que o incêndio acontecesse, porém, não imaginou que o preço para seu sucesso seria a morte dos gêmeos recém-nascidos.

Desde então, Solness não constrói mais igrejas, apenas casas, para que homens possam habitar e viver felizes com suas famílias, o que ele nunca poderá alcançar. Esse é seu propósito.

Solness está terminando de construir uma nova casa, no mesmo lugar da antiga que se incendiou, porém, para sua esposa Aline, nada será diferente e nessa nova casa não haverá felicidade. Aline sempre se mostra melancólica e culpa-se por não ter sido forte o suficiente para suportar a tragédia do incêndio e evitar que as crianças viessem a falecer. Ao ouvir essa história, Hilda diz ao mestre Solness que ele é o único que pode construir casas e igrejas com elevadas torres. Solness confessa que sempre acreditou nessa ideia de que só ele poderia construir e, por isso, repete para seu funcionário que essa é sua natureza e que não pode voltar atrás e agir de outra forma.

Solness não pode superar a tragédia que viveu e sua existência parece ter que se submeter a uma força exterior, que o obriga a agir de acordo com essa natureza. Solness acredita ser um homem agraciado com a graça, a faculdade, o poder de almejar uma coisa, de desejá-la e de querê-la, com tanta intensidade e implacavelmente, que, por fim, a obtém. Para isso, são necessários ajudantes e servidores, que são chamados com persistência pelo pensamento, para que venham. Solness acredita que há uma feitiçaria nele que permite que essas potências exteriores possam agir a seu favor e as chama de demônios, sendo alguns bons e outros maus.

Ao ouvir essas declarações, Hilda questiona a consciência do mestre Solness e diz que ele deve ter nascido com uma consciência débil e frágil, por não suportar as

adversidades da vida. No entanto, Hilda guarda seu amor por Solness e deseja lhe cobrar seu castelo, que deve ser edificado em um lugar muito alto e com uma torre que deverá se erguer vertiginosamente, para que lá do topo possa a vista se estender, livremente, para todos os lados. No topo dessa torre deve ter uma sacada, onde Hilda quer estar de pé, ao lado do mestre Solness.

Solness concorda em construir seu castelo, porém, o grande construtor sofre de vertigem, o que torna impossível alcançar a altura do que é capaz de construir, mas Hilda afirma ser um absurdo que o mestre Solness não estenda a mão para agarrar a própria felicidade. Solness se vê atormentado pela dúvida e o sentimento de culpa pela tragédia que arruinou sua felicidade e a vida de Aline, mas que também resultou no seu sucesso profissional. Constata que sua nova casa, que está prestes a ser inaugurada, significa a impossibilidade de um lar e uma vida feliz ao lado de Aline. Solness toma uma decisão: lança sua existência na direção do subir, ao aceitar a proposta de Hilda de edificarem juntos o que há de mais delicioso no mundo. Nas palavras de Ibsen:

Solness (*arrebatado*): - Hilda!... Diga-me o que é.

Hilda (*olha-o sorrindo, fala-lhe como uma criança*): - Esses construtores são pessoas bem... bem bobas!

Solness: - Sim, já se sabe disso. Mas, diga-me, que é que vamos construir juntos?

Hilda (*depois de um momento de silêncio, diz com expressão vaga no olhar*):  
- Castelos no ar!

Solness: - Castelos no ar?

Hilda (*meneando a cabeça*): - Sim, castelos no ar! Sabe o que é?

Solness: - Você o disse. É o que há de mais delicioso no mundo.

Hilda (*erguendo-se bruscamente e fazendo com a mão um gesto de desdém*):  
- Sim, realmente! Eles são tão acessíveis, os castelos no ar... E tão fáceis de construir... Principalmente para os arquitetos cuja consciência é propensa a vertigens.

Solness (*erguendo-se*): - De agora em diante, Hilda, construiremos juntos.

(*Idem*, p. 552-3)

Solness está convencido de que essa ideia de construir castelos no ar pode tornar possível alcançar a felicidade, porém, seu último ato consiste em colocar a coroa de folhas na torre mais alta, no dia de inauguração da sua nova casa. Solness está decidido a fazer isso, mesmo contra a vontade de sua esposa, Aline, e dos demais presentes.

Solness vai até a casa a ser inaugurada. Hilda aguarda, ansiosamente, pelo momento que permitirá lembrar a imagem do mestre no alto da torre, como na igreja em Lysanger. Solness chega até o topo da torre e coloca a coroa de folhas e então vira-se para a multidão que, do solo, aplaude e vibra com o tal feito. O mestre Solness, que era capaz de construir a torre mais alta, também era impossibilitado de subir, dada a sua vertigem. Do alto, mestre Solness despenca e morre, na presença de todos.

Esse breve resumo visa possibilitar ao leitor compreender o contexto sobre o qual Binswanger faz suas reflexões sobre a extravagância. É importante dizer que o autor Henrik Ibsen não tinha a intenção de retratar o modo de ser da extravagância, mas sua genialidade possibilitou expressar, através da figura de Solness, elementos existenciais que condizem com o que Binswanger compreende como modo de ser malogrado da extravagância.

Como já mencionado anteriormente, a *Daseinsanalyse* de Binswanger não pretende estabelecer relações de causa e efeito. Por esse motivo, essa temática não será abordada, como se simplesmente fosse possível dizer qual é a causa da extravagância. Pelo contrário, pretende-se recolocá-la no seu fundamento originário, que é a existência. Binswanger (1956/1977, p. 16) reconhece a obra *Solness, o construtor* como representativa para o modo de ser da extravagância, ao dizer que Solness “constrói mais alto do que consegue subir” e deve-se atentar para não compreender de modo equívoco a extravagância.

A extravagância, como compreende a *Daseinsanalyse* de Binswanger, corresponderia a uma desproporção nas estruturas fundamentais da existência, que possibilita ao *Dasein* lançar-se na amplitude e na altura, o que resultaria no perder-se de si-mesmo. Segundo Binswanger (1956/1977, p. 16):

[...] não devemos de modo algum entender a desproporção entre altura e extensão como uma desproporção entre determinadas ‘capacidades’ ou qualidades e, sobretudo, não devemos entendê-la como desproporção entre ‘a inteligência e a necessidade de ser admirado’. Ao contrário, temos que investigá-la, como é o caso aqui, quanto às condições antropológicas de sua possibilidade. Não entendemos aqui a extravagância como uma desproporção de qualidades constatável numa determinada pessoa ou num determinado grupo de pessoas (massa, partido, ‘clique’, seita, etc.), no sentido de uma ‘característica’ a eles inerente. Não entendemos, pois, nem como qualidade do caráter nem como uma ocorrência ou ‘sintoma’ psicológico, psicopatológico ou sociológico constatável aqui ou ali, mas, sim, como uma possibilidade existencial passível de ser compreendida ‘existencial-analiticamente’, isto é, a partir da estrutura inteirada da existência humana, como possibilidade existencial *antropológica*.

Para Binswanger, essa estrutura existencial que possibilita o subir no modo-de-ser da extravagância não deve ser confundida com um mero querer no sentido psicológico, como sendo algo relacionado ao entendimento, sentimento ou vontade. Pensar dessa maneira é o mesmo que dizer que a ideia paranoica em um paciente é a causa da sua psicopatologia. Se assim fosse, todas as pessoas que tivessem aquela mesma ideia seriam paranoicas. Mas, ao contrário, a *Daseinsanalyse* compreende que essa estrutura antropológica é apriorística e possibilita sua modulação como a abertura do *Dasein* em seu modo de experienciar suas vivências e de significá-las em meio à trama de significações à qual estão relacionadas.

No caso de Solness, seu modo-de-ser que resultou no extravagar-se tem seu indício quando ele compreende que o propósito da sua existência é construir casas para que homens possam habitar, mas esse propósito vem acompanhado da ideia de que só ele pode construí-las, sendo essa sua natureza e não podendo proceder de outra forma. Aqui, já é possível identificar que Solness possui uma ideia que exerce sobre ele uma força e que não lhe permite agir de outro modo.

A vinda de Hilda à casa de Solness para lhe cobrar o castelo não é causa das ideias extravagantes do construtor. Hilda, através do seu diálogo com Solness, é quem possibilita o desvelamento dos pensamentos ocultos do construtor e, ao longo do poema, fica expresso que os pensamentos refletem as alterações em sua estrutura existencial apriorística. Essa desproporção entre altura e amplitude na estrutura existencial de Solness é o que exerce força sobre seu modo-de-ser. Hilda vai dialogando com o mestre Solness e constatando que ele possui algo estranho ou, como ela mesma chama, uma consciência débil.

Em determinado momento, Hilda questiona a fragilidade da consciência de Solness e pergunta sobre a possibilidade de superar o trágico incidente, mas Solness afirma que isso é impossível. Podemos compreender, nessa passagem, que se Solness conseguisse ressignificar essa experiência, do ponto de vista da estrutura da temporalidade, ele estaria atualizando-a e, conseqüentemente, seria um modo de tomar para si a responsabilidade da sua existência, podendo *decidir-se* na direção do ser-si-mesmo autêntico. Mas não é isso o que ele faz. A alteração na proporcionalidade em sua estrutura existencial fundamental o impede de recuperar o seu poder ser si-próprio e de agir de outro modo. Seu propósito exerce sobre ele tal força, que não lhe é permitido regressar por conta própria.

O ápice do drama é o momento em que Solness aceita a proposta de Hilda para construir o castelo no ar. Aqui, Solness já extravagou e sua ideia de construir um castelo no ar resulta como sua única possibilidade de projetar sua existência, numa tentativa de alcançar a felicidade. Essa tentativa de Solness apropriar-se do seu si-próprio, ao impor sua decisão no âmbito das relações interpessoais, rompe com o discernimento da experiência e da visão de conjunto. Solness lança-se no subir na altura e na amplidão, o que resulta numa ideia extravagante de construir um castelo no ar. Ali, Solness se atolou sem possibilidade de regressar e o desfecho do drama expõe sua própria queda. É o que Binswanger afirma de Solness quando diz que ele constrói mais alto do que consegue subir. Aqui:

[...] a extravagância significa mais do que a mera obstinação, precisamente na medida em que não se trata apenas de uma impossibilidade de progredir no sentido da experiência, mas de um entalamento ou de um aprisionamento num *determinado* nível ou degrau da problemática humana. A 'hierarquização' tão flexível da problemática humana é, aqui, ignorada em sua essência e reduzida a ou absolutizada em determinado 'problema', em um determinado ideal, em uma determinada ideologia. Na medida em que aqui ainda se fazem 'experiências' de um modo qualquer, elas não são mais avaliadas e aproveitadas como tais. Pois 'o valor' está aqui fixado de uma vez por todas (Binswanger, 1956/1977, p. 19, grifos do autor).

Essa conversão do subir, como Binswanger sinaliza, que só é possível pela desproporção das estruturas existenciais do *Dasein*, nada tem a ver com o decidir-se da livre vontade do aspecto psicológico, mas é fundamentalmente ancorada na existência como possibilidade antropológica. A extravagância significa:

[...] por conseguinte, *absolutização* de uma *decisão* singular. [...] Ela só é possível, portanto, quando nada mais sabe ou pressente da 'relatividade' de todo abaixo e acima vistos contra o fundo de uma *confiança* no ser isenta de dúvidas, de uma certeza ontológica *imune a toda problematização*. Mais ainda, semelhante absolutização só é possível depois que o ser-aí se isolou do trato e do comércio com os outros e da possibilidade de aí encontrar promoção e lições contínuas. Tendo-se retraído para o mero trato e comércio consigo mesmo, também isso 'vai morrendo' até se imobilizar no olhar fixado no problema, ideal ou 'nada da angústia', como que petrificado em uma cabeça de Medusa, em demência (Idem, p.19-20, grifos do autor).

No modo-de-ser malgrado da existência extravagante, o *Dasein* se lança a uma altura vertiginosa, o que corresponde a uma absolutização de uma decisão singular e que faz com que abdique do trato das relações interpessoais. Nessa altura, o *Dasein* permanece em uma certeza imune de toda problematização e dúvida, sustentado pela confiança em si-mesmo. Aqui, ele atola e somente poderá ser resgatado com uma *ajuda*

*alheia*. Caso contrário, tende a permanecer atolado nessa altura e amplidão existenciais, o que lhe é possível graças às alterações da proporção nas estruturas fundamentais.

A desproporção nas estruturas fundamentais da existência produz alterações no campo da horizontalidade - que representa o desvelamento do mundo - mediante significações e discursividade partilhadas na pluralidade do ser-com-os-outros e onde o *Dasein*, em seu modo-de-ser saudável, ancora sua existência. No modo-de-ser malgrado da existência extravagante, Binswanger aponta que há uma conversão contrária à direção da horizontalidade e o modo-de-ser extravagante se impõe como uma afirmação do ser-si-mesmo, que se afasta da experiência dessa significação partilhada, pois o *Dasein* está imune à dúvida.

A percepção e sensação que temos diante daquele que extravagou é a da estranheza e falta de ponderação e bom senso, pois aquele que extravagou já abdicou do trato com o outro e da experiência que situa o *Dasein* nas relações interpessoais em sua condição antropológica fundamental, que é ser-com-os-outros.

A afirmação do si-mesmo no modo-de-ser malgrado da existência extravagante, que está imune à própria dúvida, lança o *Dasein* na direção vertical da significação da altura e do subir, para além de qualquer problematização da existência, o que resulta na perda do ser-próprio e o mantém atolado. Essa tentativa do *Dasein* de apropriar-se de sua experiência do mundo e de se elevar acima da pressão da angústia das coisas terrenas, do seu vir-a-ser, é o que Binswanger chama de *decidir-se*. Este *decidir-se* não significa uma escolha deliberada pela vontade psicológica, mas acaba resultando no modo malgrado, ao perder-se e ao absolutizar uma posição existencial extravagante, elevada pela tomada da própria significação.

Do ponto de vista da estrutura existencial apriorística, corresponderia a dizer que o paciente vai se distanciando da fluidez da temporalidade e espacialidade, fixando-se no momento presente, que impede a atualização da ideia extravagante e leva ao encurtamento da sua projeção no mundo. O momento em que Solness toma a decisão de subir no alto da torre para colocar a coroa de folha já é o momento em que ele extravaga e adota a ideia de construir castelos no ar. A angústia da problematização da existência não mais é constitutiva, ele está imune à própria dúvida, o que o leva a ignorar sua própria vertigem de altura. Sua espacialidade, temporalidade e interpessoalidade convertem-se no trato consigo mesmo, abdicando-se do trato com o outro.

Esse modo-de-ser, que reflete a inautenticidade do *Dasein*, se expressa pela impossibilidade do *Dasein* resgatar-se da mediania do *a-gente* e tornar-se autêntico, encarregando-se de sua condição fáctica, enquanto ser que *habita* a existência como ser-no-mundo, lançado na tarefa de *cuidar do ser*, que tem como responsabilidade a própria existência, como ser-si-próprio. Nas palavras de Binswanger, Solness de Ibsen é o construtor que constrói mais alto do que consegue subir.

## Conclusões

As reflexões expostas neste trabalho levam a compreender que a *Daseinsanalyse* possibilita recolocar os sintomas psicopatológicos em seu fundamento originário, que é a própria existência. Neste sentido, a extravagância, antes de ser uma ideia, comportamento ou pensamento, tem sua raiz na desproporção das estruturas fundamentais existenciais, que são apriorísticas e possibilitam ao *Dasein* mostrar-se como ser-no-mundo. Essa desproporção passa pelo subir a altura da verticalidade junto ao encurtamento da amplitude da existência, o que resulta em um perder-se e um atolar-se, de onde o *Dasein* não consegue mais regressar por conta própria.

Os conceitos de subir e amplitude procuram salvaguardar a característica fundamental do *Dasein*, que está suspenso sobre o nada, o que significa que sua existência é possibilidade do seu vir-a-ser, ou seja, subir e amplitude tentam situar o movimento no qual o *Dasein* está lançado na sua própria existência e que constitui seu modo-de-ser-no-mundo. Isso só é possível dada uma estrutura fundamental dessa existência, que é apriorística e que modula a abertura do próprio *Dasein* para o mundo.

O modo-de-ser malgrado da existência extravagante corresponde à absolutização de uma ideia, comportamento, pensamento, etc., que foi elevada ao extremo pela tomada de uma decisão singular e que faz com que *Dasein* abdique da experiência e do trato das relações interpessoais. Nesta altura, o *Dasein* permanece em uma certeza ontológica, imune de toda problematização da existência e da dúvida, passando a sustentar-se pela confiança e relação consigo mesmo, em que está atolado.

Essa absolutização tem sua raiz na alteração da proporcionalidade da estrutura fundamental da existência e na tentativa do *Dasein* de elevar e afirmar seu si-mesmo como uma diferenciação em relação ao ser-do-outro (alteridade). Fazendo isso, acaba

por se perder de si-mesmo, por ter se abdicado do trato e da experiência do ser-com-os-outros. Passa, assim, a estabelecer uma relação apenas consigo mesmo.

O *Dasein* rompe com a experiência e com o nada da angústia, o que impossibilita a atualização temporal da ideia extravagante, permanecendo isolado em um atolamento e em um modo tacanho, posição essa da qual não consegue mais retornar sem ajuda alheia. Foi assim que Binswanger compreendeu o personagem Solness, que constrói mais alto do que consegue subir.

Neste sentido, o modo-de-ser malgrado da existência corresponderia à inautenticidade do *Dasein*, que se caracterizaria por uma alienação do si-mesmo, impossibilitado de retomar-se pelo *decidir* ser-si-mesmo autêntico, exatamente por essa impossibilidade de recuperar-se da mediania do *a-gente*, que caracterizaria, para Binswanger, o modo-de-ser patológico.

É importante salientar que o tema da extravagância, segundo a ótica da *Daseinsanalyse*, não foi esgotado com este trabalho e que se faz necessário, por meio das análises dos fenômenos clínicos e revisitação dos textos fundamentais dessa abordagem, ampliar essa compreensão, para que se possa, assim, confrontar seus aspectos positivos e negativos dentro da psicopatologia.

## Referências

- Barbosa, M. F. (1998). A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na Psicopatologia. *Psicologia ciência e profissão*, 18(3), 2-13. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931998000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300002)
- Binswanger, L. (1977). *Três formas da existência malograda: extravagância, excentricidade, amaneiramento*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Originalmente publicada em 1956).
- Freire, J. C. (2008). O lugar do outro na *daseinsanalyse* de Binswanger. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 266-276. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a11.pdf>
- Heidegger, M. (2008). *Introdução à filosofia*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Ser e Tempo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ibsen, H. (1960). Solness, o construtor. In: Seis dramas. Porto Alegre, RS: Globo.
- Kraus, A. (1994). Phenomenological and criteriological diagnosis. Different or complementary? In J. Sadler, O. Wiggins. *Philosophical perspectives on psychiatric classification*. Baltimore, USA: The Johns Hopkins University Press.
- Michelazzo, J. C. (1999). *Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo, SP: Annablume.
- Tatossian, A. (2006). *A fenomenologia das psicoses*. São Paulo, SP: Escuta.
- Töpfer, F. (2013). Conceito de doença e normatividade no pensamento de Ludwig Binswanger e Medard Boss. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2(2), p. 32-50.